

Qual é o estado da nossa literatura? Qual é o trilho que ela tem a seguir hoje?

REPOSITÓRIO LITERÁRIO 1834

Alexandre Herculano

Estas duas perguntas pedem nada menos do que a dolorosa confissão da decadência em que se acha em Portugal a poesia e a eloquência¹, e o encargo dificultoso de indicar os meios de melhoramento no ensino e no estudo das mesmas. Sem pretender que sejam as únicas, nem as melhores, exporemos a série das nossas ideias sobre este duplicado objeto.

A convicção de uma verdade literária produziu nos séculos XVI e XVII um erro na Itália, que, estendendo-se à Espanha e a Portugal, transviou² da legítima direção todos, ou quase todos os escritores da época chamada do seiscentismo³. Sentiu-se que a metáfora⁴, a mais bela de todas as figuras poéticas e oratórias⁵, a mais repetida, a mais necessária mesmo nos discursos comuns da vida, abundava por isso nos bons escritores clássicos e modernos, que já nesse tempo ilustravam a Europa: viu-se que as passagens belas ou sublimes⁶ de Horacio⁷, Pindaro⁸ e Virgilio⁹, de Dante¹⁰ e Ariosto¹¹, deviam-lhe em grande parte a sua beleza e sublimidade, e isto era certo; inferiu-se dali que a metáfora era o principal e talvez o único meio da poesia e eloquência, e que ela devia revestir todas as imagens e sujeitar ao seu império todos os gêneros, todos os estilos, e isto foi um erro: a vertigem metafórica se apossou dos poetas e oradores¹², e, por uma consequência natural, o fundo das ideias esqueceu e só se olhou para as formas: è sombra desta mania prosperaram os conceitos e as

agudezas¹³, chegando as letras a cair numa barbárie, que tanto mais irremediável parecia por ser filha da civilização literária já exagerada.

*O Zodíaco soberano, Os cristais d'alma, A Fênix renascida*¹⁴ e outros muitos escritores desse tempo, são lamentáveis monumentos da corrupção de gosto a que chegou Portugal no princípio do décimo oitavo século.

Porém o mal não foi sem remédio, e os membros da Arcádia fizeram volver as letras à severa singeleza das puras formas da Grécia. Muito se deve a Garção¹⁵, Gomes¹⁶ e Quita¹⁷: mas ninguém tanto como Dinis¹⁸ mostrou a superioridade do gênio e do gosto que caracterizaram a segunda metade do século XVIII. Dando os seus principais cuidados à poesia chamada pindárica¹⁹, gênero difícil pelo audaz das figuras, pelo gigantesco das imagens, ele soube escapar aos defeitos e frioleiras²⁰ do seiscentismo que bebera na escola, em composições nas quais era muito fácil introduzir-se o mau gosto; e ainda que Quita e Ganção tentaram o mesmo gênero, em nosso entender, Dinis não foi emulado. Capaz de todos os tons, no burlesco²¹, no pastoril²², no ditirâmico²³, nos deixou apreciáveis exemplos, e as suas dissertações sobre a poesia campestre²⁴ são ditadas por um grande conhecimento de arte, ainda que não excedam em merecimento teórico as anotações de Gomes às próprias poesias, nem os trabalhos de Freire e posteriormente de Barbosa e Fonseca sobre as poéticas de Aristóteles e Horácio.

Entretanto nenhum dos poetas literatos do século de José I²⁵ olhou as letras de um ponto de vista eminente. Semelhantes aos escritores do século de Luiz XIV, foram muito eruditos²⁶, mas pouco filósofos, e assim o caráter das duas literaturas é a confusão dos princípios absolutos com os de convenção. Cingindo-se²⁷ quase

cegamente à autoridade dos antigos, miudeada²⁸ e explanada pelos comentadores, a sua obediência ilimitada, a alheias opiniões contribuiu muito para a posterior decadência. A impertinente questão dos arcaísmos e neologismos veio tomar o lugar das discussões da Arcádia e essa ocupação dos meios talentos e da meia instrução, influenciando sobre objetos mais importantes, viciou e acanhou toda a literatura. Se as notas, que sobre palavras e frases Francisco Manuel juntou às suas poesias, fossem dedicadas a *coisas*, quão ricas messes nós colheríamos do saber deste homem! Mas infelizmente não foi assim, e a polêmica suscitada sobre o mérito do imortal cantor *d'Os Lusíadas*,²⁹ pelos insultos que contra ele vomitou o orgulhoso autor do gelado *Oriente*, mostraram a que mesquinho estado tinha a crítica chegado em Portugal. Parte dos reparos que Macedo copiou dos críticos franceses ficaram sem cabal³⁰ resposta, porque os sistemas estéticos mais liberais e filosóficos que o dos antigos, e o da escola de Boileau³¹, eram em geral desconhecidos entre nós, e estamos persuadidos de que o juízo a respeito do tão grande quanto infeliz Camões ainda resta a fazer, apesar da abundância de escritos que sobre este objeto se publicaram.

Enquanto assim entre nós a crítica se apoucava, um sentimento vago de desgosto pelas antigas formas poéticas, a influência da filosofia na literatura, a necessidade que sentia o gênio de beber as suas inspirações num mundo de ideias mais análogas às dos nossos tempos, e enfim, várias outras causas difíceis de enumerar, começaram a criar na Europa uma poética nova, ou, digamos antes, a fazer abandonar os cânones³² clássicos. A Alemanha foi o foco da fermentação, e foi lá que os princípios revolucionários em literatura começaram a tomar desde a sua origem uma consistência, e a alcançar uma totalidade de doutrinas

metódicas e consequentes, não dada, ainda hoje, ao resto das nações. Lá não havia a lutar com a glória nacional para a introdução de novas ideias, porque os monumentos da escola afrancesada de Opitz³³ não honravam demasiadamente o dogmatismo³⁴ intolerante do século de Luis XIV, impropriamente chamado clássico, e Bodmer³⁵ e Breitinger³⁶ deram começo à revolução ousando preferir a poética de Shakespeare e Milton à de Racine e de Boileau: contudo, as opiniões na Alemanha têm-se desviado, em parte, desta direção e as ideias de Schlegel já têm reagido na sua tendência um tanto nova, sobre a literatura inglesa donde tiveram origem. Na França o antigo sistema, amparado pelo renome de muitas produções imortais, disputa ainda a campanha às inovações que entre esse povo, extremo em tudo, têm chegado a um desenfreamento bárbaro³⁷ e monstruoso.

Mas a Portugal não coube o figurar nesta lide. A parte teórica da literatura há vinte anos que é entre nós quase nula: o movimento intelectual da Europa não passou a raia de um país onde todas as atenções, todos os cuidados estavam aplicados às misérias públicas e aos meios de as remover. Os poemas *D. Brancae Camões* aparecerão um dia nas páginas da nossa história literária sem precedentes que os anunciassem, um representando a poesia nacional, o *romântico*; outro a moderna poesia sentimental do Norte, ainda que descobrindo às vezes o caráter meridional de seu autor. Não é para este lugar o exame dos méritos e deméritos³⁸ destes dois poemas; mas o que devemos lembrar é que eles são para nós os primeiros e até agora os únicos monumentos de uma poesia mais liberal do que a de nossos maiores.

Contudo, não existindo ainda um só livro sobre as letras consideradas de um modo mais geral e mais filosófico do que os que possuímos; sem uma só voz se ter levantado contra a autoridade de

Aristóteles e de seus infiéis comentadores, será impossível emitir um juízo imparcial sobre escritos de semelhante natureza. Julgá-los por formas que o poeta não admitiu, será um absurdo, enquanto se não provar a necessidade dessas formas: e isto, mesmo que elas sejam legítimas, só pode ser resultado de um maduro exame ou de uma polêmica sincera. Antes disso os velhos eruditos, vendo ofendida a *inviolabilidade* de um tropel³⁹ de preceitos que julgavam imprescritíveis, só darão ao gênio nascente o sorriso do desprezo; e os mancebos⁴⁰ poetas, a quem o sentimento incerto das opiniões contemporâneas dirige por estradas que muitas vezes não conhecem, farão que as suas poesias corram brevemente parelhas como os desvarios que tem ultimamente manchado a mais bela das artes na França e na Inglaterra.

Um curso de literatura remediaria os danos que devemos temer, e serviria ao mesmo tempo de dar impulso às letras. Em Portugal ainda há homens cheios de vasta erudição, de filosofia e de gênio. Tirantias mais ou menos longas mais ou menos cruéis, os têm conservado na obscuridade de que devem sair, agora que se não receia a instrução, agora que resguarda a égide⁴¹ da lei. Nós não desejaríamos, porém, que uma tal obra fosse puramente órgão desta ou daquela escola: deste ou daquele partido. Convém que os princípios opostos sejam examinados de boa fé e sem acrimônia⁴²: a intolerância em ideias políticas ou religiosas é odiosa; em matérias científicas é ridícula. Se coubesse nas nossas diminutas forças um trabalho de tanta magnitude, nós começaríamos por discutir qual é o objeto da poesia, e desta questão nos parece que já se tirariam importantes resultados, e que as duas características – o icástico⁴³ e o ideal – que distinguem as tendências do antigo e do novo sistema, surgiriam dela para nos servirem depois na

Dossiê Especial - Volume I - Número 1 - Pato Branco - 2014

resolução de vários problemas que se nos apresentariam na série das nossas indagações⁴⁴. O exame das diferentes teorias sobre o belo e o sublime, e as consequências, objeto imediato a que nos conduziriam os primeiros raciocínios, dariam em resultado os princípios necessários e universais de todas as poéticas, e conseqüentemente aqueles sobre que deveríamos emitir uma opinião absoluta e exclusiva: no resto respeitáramos as opiniões de cada povo, de cada época, em tudo aquilo em que elas se não opusessem aos princípios gerais. Indagando a história da poesia nos diversos tempos e nações, vê-la- íamos depois da queda da bela literatura greco-latina, surgindo do norte com um sublime de melancolia⁴⁵ e mesmo de ferocidade, próprio dos povos que a inventaram: veríamos esta poesia fundida com os restos da romana, e posteriormente com a árabe, produzir as diversas espécies do romântico, dessa poesia variada e verdadeiramente nacional, na França e nas duas penínsulas, e termo médio entre a bela simetria clássica e o sublime gigantesco do setentrião: acharíamos essa originalidade nascente da literatura da meia-idade destruída quase no ressurgimento das letras, e substituída por teorias antigas, que, conservando sempre o mesmo nome, foram sendo enxertadas em ideias, em preceitos modernos: encontraríamos, finalmente, o espírito de liberdade e de nacionalidade da atual literatura. O quadro das novas opiniões nas suas variedades todas, as vantagens ou danos resultantes de cada uma comparada com os elementos universais da arte, nos colocaria em estado de formar um corpo de doutrina que determinasse as proporções essenciais da futura poesia portuguesa, completando ao mesmo tempo uma série de juízos imparciais sobre as produções das diferentes eras e das diferentes

escolas, em relação ao seu gênio particular, e à filosofia geral das letras.

Todos sabem que os antigos dividiam a eloquência em três gêneros, que muitas vezes se confundem: um destinado ao elogio ou à invectiva⁴⁶; outro a fazer condenar ou absolver, a invocar a lei a favor do inocente, a invocá-la contra o criminoso; outro, enfim, destinado a ventilar os grandes interesses das nações nos congressos ou na tribuna popular. Foi a estas três classes, que eles reduziram a oratória, divisão que ainda hoje se conserva e que, apesar da sua arbitrariedade⁴⁷, nós respeitaremos em nossas observações. Em Portugal, onde a representação nacional não existia, onde os tribunais eram fechados às defesas orais e aos juízos públicos, e a arte de defender e acusar consistia, geralmente, em conhecer os meios de opor entre si a nossa ora mesquinha, ora contraditória, ora obscura legislação, e numa dialética as mais das vezes pueril⁴⁸, tanto o gênero deliberativo como o judiciário quase não tinham aplicação: ficava somente a eloquência dos panegíricos⁴⁹ para o orador profano, e uma mistura de todos os três gêneros para o orador sagrado; mas em nenhuma das duas classes temos do que nos gloriar neste século. Por uma parte, elogios de encomenda ou feitos com miras de interesse pessoal não podiam sair da boca do orador acompanhados das inspirações do entusiasmo: e sem convicção e persuasão própria não se pode convencer nem persuadir os outros: por outro lado a eloquência sagrada nunca pode preencher inteiramente o fim da arte, uma vez que não divague do seu objeto – a moral religiosa. O fim da eloquência é persuadir; para isto não só é necessário mover os afetos, mas também obrigar a razão. Usar este meio, o nervo principal da oratória entre as nações civilizadas, seria ridículo perante um auditório cristão. O incrédulo não vai ouvir

sermões, e o orador que empregasse uma lógica severa para provar a conveniência da moral do cristianismo, a quem disso está de antemão convencido, obraria com tanta impropriedade, como se o missionário diante de homens de diversas crenças buscasse tão somente mover os afetos sem falar à razão.

O exemplo de dois grandes homens parece opor-se ao que temos acabado de dizer. São eles Bourdaloue⁵⁰ e Bossuet⁵¹: o primeiro empregando a severidade do raciocínio, o segundo tateando todas as cordas do sentimento, excitando todos os terrores, todas as esperanças da imaginação, e ambos considerados como grandes modelos. Mas de que são eles modelos? E, justamente dessa eloquência imperfeita, cujo vício se contém na sua própria natureza. Com efeito, Bourdaloue não preencheu, nos discursos em que se lançou no abismo dos mistérios, o objeto da arte: esta dirige-se à vontade, pela ação; e a defesa metafísica bem que eloquente dos dogmas cristãos não requer ação alguma. Bossuet está no caso contrário: para que suas orações tenham efeito é necessária a fé. O homem indiferente em materiais de religião, e que não possui gosto bastante para avaliar seu merecimento, dormirá tranquilamente a leitura de qualquer uma delas, enquanto uma Filípica⁵² ou Olíntica⁵³ de Demóstenes⁵⁴ fará sempre impressão em todo homem que tiver uma pátria, uma fortuna a perder. Sabemos quanto nos podem opor sobre estes dois oradores, e sobre a oratória sagrada em geral; mas, não sendo possível entrar aqui numa questão bastante vasta que estas reflexões não comportam, lembraremos aos leitores que nós consideramos os panegíricos e os sermões de controvérsia como alheios do púlpito; que Bourdaloue - de todos os oradores sacros⁵⁵ o que mais sentiu a necessidade dos raciocínios como meio de eloquência - nos seus panegíricos fugia constantemente para a moral,

o que nos faz crer que ele a considerava o objeto da sua arte como acima dissemos. Em último lugar transcreveremos uma cita da tentativa sobre a eloquência do púlpito pelo abade Maury, a obra mais acreditada entre as desta natureza: *Favoue, diz elle, qui`l esttrés-rare de pouvoir suivre cette marche didactique dans nos chaires, ou les discussions morales ne sont jamais problématiques, et ou la conscience, qui ne ment jamais, ne saurait contester la vérité à ses remords.* O que entra justamente na ordem de nossas ideia, tanto sobre o objeto como sobre o defeito constitutivo da eloquência sagrada.

Voltando ao nosso país, na mesma eloquência do púlpito, a única em Portugal cultivada, só um orador deixou pela estampa monumentos dignos de exame, se atendermos a fama popular que para seu autor granjeavam⁵⁶: já se vê que falamos do P. Macedo. Como orador sagrado, Macedo deveu a popularidade de que gozou a um falso brilho no fundo das ideias, e sobretudo a essa instrução perfunctória⁵⁷ que começa a invadir a capital e que é mais danosa às letras do que a ignorância. Sem vislumbres da sublimidade⁵⁸ de Bossuet, sem a unção de Fenelon⁵⁹, sem a profundidade de Bourdaloue, sem a nobre e evangélica simplicidade de Paiva d'Andrade, ganhou seu renome com os ouropéis⁶⁰ de Sêneca⁶¹; mas tal renome, se ainda soar na posteridade, não será para as suas cinzas um bafejo consolador de glória.

Porém não é a eloquência sagrada que deve hoje chamar a nossa atenção: ela tem sido o luxo da religião, e nós desejamos vê-la substituída por meios mais conducentes a fazer prosperar esta. A bela e sublime moral do evangelho não precisa dos socorros da arte

de Demóstenes e Cícero; e a religião pratica de um clero virtuoso, seria a homilia mais eloquente para insinuar a moral do Crucificado.

Antes de passar avante ocorreremos a um reparo que farão os leitores: o de não falarmos sobre a eloquência desenvolvida nas cortes da nossa primeira época de liberdade, que forma uma exceção de quanto dissemos sobre a eloquência portuguesa do décimo nono século. Tivemos para isso razões, e talvez a principal seja o quão longe nos levaria o exame de alguns discursos ali pronunciados; entretanto diremos por honra da nossa pátria que então apareceram grandes homens, e que desejaríamos ver publicar uma escolha das opiniões e relatórios então ventilados, à maneira do que se fez na França das orações dos representantes nacionais desde o princípio da revolução.

E, portanto, a educar homens que ventilem dignamente as questões de interesse público nas câmaras legislativas, ou que defendam a inocência e persigam o crime nos tribunais já públicos, que o estudo e ensino desta parte da literatura se deve dedicar: é assim que nós faríamos da essência destes dois gêneros de oratória o objeto da segunda parte de um curso literário, tocando apenas de leve quanto é formal na arte e que sapientíssimos retoricões, copiando-se uns aos outros, de sobejo explicaram; mas tratando com profundidade os princípios aplicáveis principalmente aos gêneros judiciário e deliberativo em relação a nossa situação política. Para isto seria do exame da eloquência nos diferentes tempos e lugares, que nós partiríamos em nossas indagações: veríamos Demóstenes, trovejando na tribuna, armado da razão e da indignação, admiravelmente conciso e misturando com essa concisão os sublimes movimentos do patriotismo, arrastar após si a opinião das multidões; veríamos Cícero defender os seus clientes, tratar os mais importantes negócios da república quase sempre com uma gravidade e eloquência estudadas: na história da oratória

moderna acharíamos a vigorosa razão de Mirabeau⁶² acompanhada de um estilo raras vezes rasteiro;

acharíamos nos diversos discursos de Maury os mais belos monumentos de uma eloquência máxima mas tranquila; e, finalmente, o frenesi inspirado pelo amor as velhas formas do absolutismo nas orações de Montlosier⁶³: passando à Inglaterra exporíamos o gênero de Pitt⁶⁴, gênero severo, renovado hoje por Makintosh e Burdett, a que sucedeu o igualmente nervoso, porém mais cheio de artifício, de Burke⁶⁵, Sheridan⁶⁶ e Caning, e o gênero médio de Fox, terminando assim o exame das fontes verdadeiras da eloquência.

Seria desta última nação que nós proporíamos como principal modelo, sem excetuar contudo as outras. Entre os gregos, romanos, e franceses a muito o que aproveitar; mas, se é verdade que a literatura em parte depende de certa harmonia com as circunstâncias de cada povo, nenhuma eloquência é para nós mais digna de estudo do que a inglesa. Nem entre os antigos, nem na república francesa, ela estava na mesma relação com as instituições sociais que vai a estar na nossa pátria. O orador, na discussão de uma lei perante a plebe, que deve votar sobre ela ou influir na votação, como acontece no calor das revoluções, tem de usar de meios diferentes dos que há de empregar para a impugnar ou defender em uma câmara, cujos membros são, ou devem ser, os mais conspícuos⁶⁷ da nação por suas luzes e virtudes. No primeiro caso os raciocínios convém sejam acompanhados dos meios formais da arte para dirigir as paixões populares: no segundo, expostos a homens que conhecem a arte tão bem como o orador, sem alcançarem o seu efeito, os artifícios só atrairiam sobre ele a suspeita de má fé: isto sem pretendemos dizer que ele discuta com a secura de um geômetra⁶⁸ as questões de

interesse público; porém os seus movimentos devem surgir sinceros de um coração intimamente comovido e de nenhum modo dar a conhecer que foram tranquilamente calculados pelos preceitos de Quintiliano⁶⁹.

Entre os romanos, a pequena porção de leis que havia ainda nos últimos tempos da republica e o espírito de generalidade a que se limitavam, dava motivo a que nas causas particulares o advogado ou acusador de qualquer réu buscasse despertar a compaixão ou a sanha dos juízes, de quem muitas vezes era guia única o senso comum e a moralidade, na falta de disposições preceptivas, e apesar da semelhança dos tribunais civis e criminais de Roma com os nossos modernos jurados, existe entre nós e eles uma diferença enorme por causa das circunstâncias legais. Hoje, entre os povos livres, há, ou deve haver, um código que previne todos os casos com clareza e exigência, e o mistério do orador reduz-se a provar se o seu cliente está ou não no caso da lei: então todo o pleito deverá ser uma questão de fatos provados ou prováveis, e vice-versa.

Daqui se colhe quão sóbrio ele deve ser empregando os meios que lhe ministra a arte. Clareza, ordem de ideias, lógica severa, eis os meios principais da eloquência do foro e das câmaras legislativas.

Tal é o rápido quadro do nosso modo de pensar sobre a atual literatura portuguesa, e sobre os meios de a dirigir. As curtas reflexões que temos feito sobre a poesia e a eloquência são as bases em que julgamos dever-se fundar um curso de literatura, que serviria como de introdução aos estudos mais profundos do poeta e do orador. Oxalá que dentre os nossos literatos algum se encarregue desta útil e importante tarefa.

Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus de Pato Branco, sob a orientação do professor Rodrigo Alexandre de Carvalho Xavier. A ortografia foi atualizada segundo o Acordo Ortográfico de 1990. A pontuação e o uso de iniciais maiúsculas foram uniformizados de acordo com os padrões atuais.

Este trabalho integra o projeto "Diálogos Lusófonos: apontamentos de Gonçalves de Magalhães, Almeida Garrett e Alexandre Herculano para Crítica Literária no Brasil e em Portugal". Este projeto conta com o apoio financeiro do CNPq. Em caso de citação deste texto, pede-se que se mencione o projeto de que faz parte e o apoio financeiro do CNPq.

O texto original se encontra no Tomo IX de *Opúsculos* de Alexandre Herculano, oferecido pela Biblioteca Nacional de Lisboa, cuja ficha se reproduz a seguir:

AUTOR(ES): HERCULANO, Alexandre, 1810-1877 PUBLICAÇÃO: Lisboa : Viúva Bertrand, 1873-1908 DESCR. FÍSICA: 10 vol. ; 17 cm.

CDU: 821.134.3-9"18"

END. WWW: <http://purl.pt/718>

Tipo: Livro

¹ Habilidade de convencer através do uso das palavras.

² Perdido, desviado.

³ O estilo ou escola literária do século XVII.

⁴ É uma figura de linguagem em que há o emprego de uma palavra ou uma expressão, em um sentido que não é muito comum, em uma relação de semelhança entre dois termos.

⁵ Falar, explicar.

⁶ Grandioso, extraordinário, excepcional, divino, elevado, magnífico.

⁷ Quinto Horácio Flaco (65 a.C.-8 a.C.) - foi um poeta lírico e satírico romano, além de filósofo. É conhecido por ser um dos maiores poetas da Roma Antiga.

⁸ Píndaro (522 a.C.-443 a.C.) - foi um poeta grego, autor de "Epinícios" ou "Odes Triunfais", e autor também da célebre frase "Homem, torna-te no que és".

⁹ Virgílio (70 a.C.-19 a.C.) - foi um poeta romano clássico, autor de três grandes obras da literatura latina, as *Éclogas*, as *Geórgicas*, e a *Eneida*.

¹⁰ Dante Alighieri (1265-1321) - foi um escritor, poeta e político italiano. É considerado o primeiro e maior poeta da língua italiana.

¹¹ Ludovico Ariosto (1474-1533) - foi um poeta italiano.

¹² Pessoa que pronuncia um discurso diante do público.

¹³ Perspicácia, sagacidade, sutileza.

¹⁴ *Fênix Renascida* é um cancionário seiscentista português, publicado sob a direção de Matias Pereira da Silva em cinco volumes, de 1716 a 1728.

¹⁵ Garção (1724-1772) - Poeta português, de nome completo Pedro António Correia Garção.

¹⁶ Teotónio Gomes de Carvalho (1728?-1800) - poeta português.

¹⁷ Reis Quita (1728-1770) - poeta português.

¹⁸ António Dinis da Cruz e Silva (1731-1799) - poeta português.

¹⁹ Pertencente ou relativo a Píndaro.

²⁰ Coisa que não se deve levar a sério.

²¹ A arte do burlesco se refere a um tipo de apresentação teatral que consiste em uma paródia ou sátira.

²² Pastoral profano é um tipo de manifestação folclórica do nordeste do Brasil. Integra o ciclo das festas natalinas do Nordeste.

²³ Poesia lírica que exprime entusiasmo ou delírio.

²⁴ Poesia bucólica.

²⁵ José I (1714-1777) - foi rei de Portugal entre os anos de 1750 a 1777.

²⁶ Que tem profundos e vastos conhecimentos.

²⁷ Fazer parte de algo ou permanecer em seu interior.

²⁸ Narrar ou referir.

²⁹ Referência a Luís Vaz de Camões, poeta renascentista português.

³⁰ Completo, perfeito, pleno.

³¹ Crítico e poeta francês do século XVII. Foi nomeado pelo rei Luís XIV cronista real

³² Regra padrão, princípio absoluto do qual são retiradas diversas regras específicas.

³³ Martin Optiz (1597-1639) - foi poeta e teórico literário. Introduziu modelos literários estrangeiros na poesia alemã além de ser pioneiro na sua literatura nacional.

³⁴ Dogmatismo é a tendência de um indivíduo, de afirmar ou crer em algo como verdadeiro e indiscutível.

³⁵ Johann Jakob Bodmer (1698-1783) - foi historiador, professor e crítico literário que contribuiu para o desenvolvimento de uma original literatura alemã na Suíça.

³⁶ Johan Jakob Breitinger (1701-1776) - foi um escritor suíço-germano de grande influência na crítica literária alemã;

³⁷ Entre os gregos e romanos, dizia-se daquele que era estrangeiro, sem civilização; rude, cruel, desumano.

³⁸ Desmerecimento; o que faz perder a consideração e a estima.

³⁹ Ruído de muita gente a andar ou a agitar-se.

⁴⁰ Aquele ou aquilo que se encontra no período da juventude.

⁴¹ Amparo, defesa.

⁴² Disposição para o mau humor, tom mordaz.

⁴³ Que representa com clareza, sem artifícios, objetos ou ideias.

⁴⁴ Investigação, pesquisa.

⁴⁵ Tristeza vaga e indefinida; Estado de tristeza intensa, traduzida pelo sentimento de dor moral e caracterizada pela inibição das funções motoras e psicomotoras.

⁴⁶ Expressão violenta e injuriosa.

⁴⁷ Qualidade do que é arbitrário.

⁴⁸ Relativo à infância.

⁴⁹ Discurso de caráter laudatório, manifesta respeito e admiração a alguém.

⁵⁰ Bourdaloue (1632-1704) – foi orador francês, entrou para a ordem dos jesuítas e tornou-se professor de retórica, filosofia e moral no colégio de Bourges.

⁵¹ Bossuet (1627-1704) – foi bispo francês considerado um dos principais teóricos do Absolutismo. Escreveu obras como “A Política tirada da Sagrada Escritura” e “Discurso sobre a história universal”.

⁵² Conjunto de discursos de Demóstenes, contra Felipe II da Macedônia. Por considerá-lo uma ameaça à Grécia, tentava convencer os atenienses a lutarem contra ele.

⁵³ Conjunto de discursos de Demóstenes, em defesa da cidade de Olinta. Província de Atenas que havia sido atacada por Felipe II em 349 a.C.

⁵⁴ Demóstenes (384-322) – foi orador e político ateniense, aprendeu a retórica estudando os oradores antigos gregos. Possui mais de 60 discursos atribuídos à seu nome, dentre eles as filípicas, as olínticas e as contra mídias.

⁵⁵ Sagrado, que merece respeito, admiração.

⁵⁶ Conciliavam, conquistavam.

⁵⁷ Superficial, efêmero, passageiro.

⁵⁸ Caráter ou qualidade daquilo que é sublime. Excelência, perfeição, grandiosidade.

⁵⁹ Fenelon (1651-1715) - Pseudônimo de François de Salignac de La Mothe-Fénelon, foi um teólogo católico, poeta e escritor francês. Possuía ideias liberais que iam contra a “statu quo” da Igreja. Pertenceu à Academia Francesa de Letras.

⁶⁰ De aparência enganosa, falsa. Aquilo que parece verdadeiro, mas é falso.

⁶¹ Lúcio Aneu Séneca (4 a.C.-65 d. C.) - foi filósofo, advogado, escritor e intelectual do Império Romano. Sua obra literária inspirou o desenvolvimento da tragédia na dramaturgia europeia renascentista.

⁶² Honoré Gabriel Riqueti ou conde de Mirabeau (1749-1791) - foi um jornalista, político e orador parlamentar francês. Ativista político da Revolução Francesa, destacou-se por sua retórica apaixonada e convincente, conquistando o epíteto L'orateur du peuple, Orador do povo.

⁶³ François Dominique de Reynaud, político e escritor francês. Atuou durante o primeiro império francês, caçula de uma família grande, pertencente à nobreza mais pobre.

⁶⁴ William Pitt (1759–1806) - O Velho, foi o 1º Conde de Chatham. Estadista britânico, conduziu seu país à vitória sobre a França na Guerra dos Sete Anos.

⁶⁵ Burke (1729-1797) – foi filósofo e político anglo-irlandês, dedicou-se a escritos filosóficos, entre eles A Philosophical Inquiry into the Origin of Our Ideas of the Sublime and Beautiful.

⁶⁶ Sheridan (1751-1816) – foi dramaturgo e político irlandês, tornou-se um dos clássicos da dramaturgia inglesa do século XVIII com a publicação de Os rivais em 1775.

⁶⁷ Aquele que é eminente, insigne, importante.

⁶⁸ Especialista em geometria.

⁶⁹ Marco Fábio Quintiliano (35 d.C.-100 d.C.) - foi orador e professor de retórica romano, tornou-se conhecido por ensinar retórica a personalidades romanas, como Plínio, o jovem. Seu escrito mais famoso é Institutio Oratoria.

REFERÊNCIAS

DANTE ALIGHIERI. Disponível em:

< http://pt.wikipedia.org/wiki/Dante_Alighieri >. Acesso em: 26 de novembro de 2013.

DEMÓSTENES. Disponível em:

< <http://pt.wikipedia.org/wiki/Demóstenes> >. Acesso em: 26 de novembro de 2013.

DICIO. Disponível em: < <http://www.dicio.com.br/> >. Acesso em: 26 de novembro de 2013.

DICIONARIO DO AURELIO. Disponível em:

< <http://www.dicionariodoaurelio.com/> >. Acesso em: 26 de novembro de 2013.

DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO ILUSTRADO LAROUSSE.-São Paulo: Larousse do Brasil, 2007.

DICIONARIO INFORMAL. Disponível em:

< <http://www.dicionarioinformal.com.br/> >. Acesso em: 26 de novembro de 2013.

DICIONARIO WEB. Disponível em: < <http://www.dicionarioweb.com.br/> >. Acesso em: 26 de novembro de 2013.

DICIONÁRIO WEB. Disponível em:

<<http://www.dicionarioweb.com.br/buc%C3%B3lica/>>. Acesso em: 25 jan. 2014.

EDMUND BURKE. Disponível em:

< http://pt.wikipedia.org/wiki/Edmund_Burke >. Acesso em: 26 de novembro de 2013.

ENCYCLOPEDIA BRITANNICA. Johann Jakob Bodmer. Disponível em:

<<http://global.britannica.com/EBchecked/topic/71053/Johann-Jakob-Bodmer>>. Acesso em: 26 jan 2014. (Tradução nossa).

ENCYCLOPEDIA BRITANNICA. Johann Jakob Breitingger. Disponível em:

<<http://global.britannica.com/EBchecked/topic/78742/Johann-Jakob-Breitingger>>. Acesso em: 26 jan 2014. (Tradução nossa).

ENCYCLOPEDIA BRITANNICA. Martin Opitz. Disponível em:
<<http://global.britannica.com/EBchecked/topic/430126/Martin-Opitz>>.
Acesso em 26 jan 2014. (Tradução nossa).

FRANÇOIS FÉNELON. Disponível em:
< http://pt.wikipedia.org/wiki/François_Fénelon >. Acesso em: 26 de novembro de 2013.

FILÍPICAS. Disponível em: < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Filípicas> >.
Acesso em: 26 de novembro de 2013.

HORÁCIO. Disponível em: < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Horácio> >.
Acesso em: 26 de novembro de 2013.

HONORÉ GABRIEL RIQUETI DE MIRABEAU. Disponível em:
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Honoré_Gabriel_Riqueti_de_Mirabeau>.
Acesso em: 26 de novembro de 2013.

INFOESCOLA. Disponível em:
<<http://www.infoescola.com/biografias/nicolas-boileau/>> Acesso em: 26 jan 2014

INFOPEDIA. Disponível em:< [http://www.infopedia.pt/\\$correia-garcao](http://www.infopedia.pt/$correia-garcao)>.
Acesso em: 25 jan. 2014.

INFOPEDIA. Disponível em: <www.infopedia.pt/>. Acesso em: 25 jan. 2014.

INFOPEDIA. Disponível em: <[http://www.infopedia.pt/\\$reis-quita](http://www.infopedia.pt/$reis-quita)>. Acesso em: 25 jan. 2014.

INFOPÉDIA. Disponível em: <[http://www.infopedia.pt/\\$cruz-e-silva](http://www.infopedia.pt/$cruz-e-silva)>.
Acesso em: 25 jan. 2014.

JACQUES BÉNIGNE BOSSUET. Disponível em:
< http://pt.wikipedia.org/wiki/Jacques-Bénigne_Bossuet>. Acesso em: 26 de novembro de 2013.

LUDOVICO ARIOSTO. Disponível em:
< http://pt.wikipedia.org/wiki/Ludovico_Ariosto >. Acesso em: 26 de novembro de 2013.

MICHAELIS. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 26 de novembro de 2013.

PÍNDARO. Disponível em: < [http://pt.wikipedia.org/wiki/ Píndaro](http://pt.wikipedia.org/wiki/Píndaro) >. Acesso em: 26 de novembro de 2013.

QUINTILIANO. Disponível em: < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Quintiliano> >. Acesso em: 26 de novembro de 2013.

SÉNECA. Disponível em: < [http://pt.wikipedia.org/wiki/ Séneca](http://pt.wikipedia.org/wiki/Séneca) >. Acesso em: 26 de novembro de 2013.

SIGNIFICADOS. Disponível em:
< <http://www.significados.com.br/metafora/> >. Acesso em: 26 de novembro de 2013.

VIRGÍLIO. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/ Virgílio](http://pt.wikipedia.org/wiki/Virgílio)>. Acesso em: 26 de novembro de 2013.

WILLIAM PITT. Disponível em:
< http://pt.wikipedia.org/wiki/William_Pitt,_o_Novo >. Acesso em: 26 de novembro de 2013.